

---

## 2 UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DO COMPORTAMENTO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA

**Ueliton Andre dos Santos Silva**

Graduando do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade Regional da Bahia - Campus Alagoinhas (UNIRB-FARAL).

E-mail: [ueliton\\_andre@hotmail.com](mailto:ueliton_andre@hotmail.com)

**Jandira Dantas dos Santos**

Doutoranda em Políticas Sociais e Cidadania (UCSal).

Docente na Faculdade Regional da Bahia- Campus Alagoinhas (UNIRB-FARAL).

E-mail: [jandirapedagoga@gmail.com](mailto:jandirapedagoga@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo descreve qual fenômeno sócio-histórico tem contribuído para a manifestação de comportamentos suicidas na adolescência. Para concretizar tal meta foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Como ponto inicial foi realizada uma descrição do histórico da institucionalização da adolescência, seguida da análise das bases sociais constituintes dos comportamentos suicidas, concluindo com as contribuições da Psicologia Sócio-Histórica para o entendimento desse fenômeno. A fundamentação teórica adotada para explicar a relação do indivíduo com o meio social está constituída a partir das ideias *durkheimiana e vygotskiana*. Mediante o aporte teórico utilizado a perspectiva de adolescente aqui adotada não coaduna com a criação ou retroalimentação de uma imagem naturalizada que estigmatiza os indivíduos. Para se compreender os sujeitos em sua particularidade se faz de suma importância a assimilação do contexto social e histórico ao qual estão imersos. Tais colocações visam ampliar os debates acerca do assunto, de modo a se apresentar não apenas como um dispositivo de teorização, mas antes, mostrar-se como um instrumento útil nas ações que busquem a garantia de direitos e a promoção da qualidade de vida dos indivíduos aqui descritos.

**Palavras-chave:** Suicídio. Adolescência. Psicologia Sócio-Histórica.

## ABSTRACT

This article describes which socio-historical phenomenon has contributed to the manifestation of suicidal behaviors in adolescence. To achieve this goal, the qualitative bibliographic research was used as methodology. As a starting point, a description was made of the history of the institutionalization of adolescence, followed by the analysis of the social bases that constitute suicidal behaviors, concluding with the contributions of socio-historical psychology to the understanding of this phenomenon. The theoretical foundation adopted to explain the relationship of the individual with the social environment is constituted from the Durkheimian and Vygotskian ideas. Through the theoretical approach used the perspective of adolescent adopted here is not in line with the creation or feedback of a naturalized image that stigmatizes individuals. To understand the subjects in their particularity, the assimilation of the social and historical context to which they are immersed is of paramount importance. Such statements aim to broaden the debates on the subject, in order to present itself not only as a theorizing device, but rather as a useful instrument in actions that seek to guarantee rights and promote the quality of life of individuals described herein.

**Keywords:** Suicide. Adolescence. Socio-Historical Psychology.

## 2.1 INTRODUÇÃO

A análise sócio-histórica do comportamento suicida na adolescência surge frente a urgência de se investigar os contribuintes históricos e sociais que tem elevado o número de casos de suicídio na contemporaneidade, mais especificamente no período conhecido como adolescência, bem como busca promover estratégias de intervenção e reflexão acerca do assunto.

O presente artigo está dividido em cinco sessões, das quais a primeira sessão refere-se a introdução do assunto. Na segunda sessão está descrito o histórico da institucionalização da infância enquanto fase específica do desenvolvimento humano. A terceira sessão trata de apresenta uma discussão que visa a desnaturalização do suicídio. Na quarta sessão apresenta-se as contribuições da Psicologia Sócio-Histórica para a compreensão do comportamento suicida na adolescência. Na quinta sessão foi abordado os resultados encontrados com a concretização do estudo.

Segundo Waiselfisz (2014) é verificado que a recorrência de comportamentos suicidas não se limita aos indivíduos adultos. Este fenômeno tem se apresentado de forma expressiva em pessoas cada vez mais jovens. Frente a essa constatação, os casos de suicídios envolvendo adolescentes tem apresentado um índice crescente nos últimos anos. Sobre essa recorrência, o presente trabalho buscou responder a seguinte questão: Qual fenômeno sócio-histórico tem contribuído para a manifestação de comportamentos suicidas na adolescência?

A relevância de se estabelecer estudos acerca da temática em tela se impõe frente ao caráter de problema social ao qual o suicídio tem assumido atualmente, sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar através de uma perspectiva sócio-histórica o comportamento suicida na adolescência. Para a concretização do objetivo geral foram propostos alguns objetivos específicos: descrever o histórico da institucionalização da adolescência; analisar as bases sociais constituintes dos comportamentos suicida e apresentar as contribuições da Psicologia Sócio-Histórica frente aos desafios que emergem na contemporaneidade para a prevenção de comportamentos suicidas nessa fase do desenvolvimento.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a metodologia aplicada ao presente artigo foi a pesquisa bibliográfica de ordem qualitativa. Os dados foram coletados através de livros, artigos científicos da plataforma *Scielo*, publicações em periódicos científicos, revistas especializadas na temática e no site da Organização Mundial da Saúde.

O critério de inclusão e exclusão para a seleção dos artigos que compõem o referencial teórico da pesquisa em pauta, foi definido pela data e idioma de publicação: Trabalhos

publicados exclusivamente em português a partir de 2010 e que, adequados à temática proposta foram incluídos. O critério de inclusão e exclusão não foi aplicado sobre as obras clássicas que tratam do assunto. **O método de abordagem aplicado na pesquisa foi hipotético dedutivo, no qual, a partir da** identificação do problema foi realizado um confronto com a teoria de base para a formulação das hipóteses. Concomitante a esse processo, foi efetivada uma análise a partir de uma perspectiva geral para se chegar aos resultados específicos acerca do assunto aqui abordado.

## 2.2 A ADOLESCÊNCIA NA HISTÓRIA

No processo de articulação de estudos sobre a criança e adolescência, a obra **História Social da Criança e da Família**, elaborada por Airès (1981), configura-se como um ponto norteador. Por meio dos pressupostos apresentados por Airès em sua obra é constatado que até o final do século XVIII não havia um entendimento de infância ou adolescência como etapas do desenvolvimento humano, portanto não possuía uma distinção do mundo adulto.

Frente a essa padronização, os indivíduos, independentemente de suas idades, participavam comumente de todas as atividades familiares. Como não havia um olhar diferenciador, as crianças e adolescentes até então eram considerados adultos em miniaturas, participando dos partos e morte dos membros familiares, assim como das atividades cotidianas e laborais. É a partir do século XIV, que uma nova concepção começa a ser edificada acerca desses indivíduos. A consolidação dessa diferenciação se inicia de forma tímida por meio de pinturas e esculturas. Nesse período, ao serem representados nas artes, esses grupos de jovens começam a ganhar traçados mais leves se distanciando das expressões faciais do adulto (AIRÈS, 1981).

À medida que essa cisão entre as faixas etárias se consolida, ocorre de forma gradual a exclusão das crianças do mundo laboral, materializando assim a diferenciação entre o mundo adulto e o mundo infantil, nos quais cada qual passa a ser visto como possuidor de características próprias. Nesse contexto, inicia-se a instituição de leis reguladoras do trabalho e a responsabilização dos pais pela escolarização dos filhos. Esses elementos se apresentam como fatores importantes para a efetiva constituição de uma nova mentalidade e conceituação acerca da configuração familiar (AIRÈS, 1981).

A consolidação da diferença entre crianças e adultos contribuiu para o surgimento de outras concepções. O intervalo concernente à transição da infância à vida adulta fez emergir a percepção de que há um período intermediário, também possuidor de características

particulares. Solidifica-se assim as bases para a instituição da adolescência, da qual a marca principal era a indisciplina, atributo este que aos olhos da sociedade precisa ser controlado (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

A adolescência enquanto agrupamento emergente é inicialmente caracterizada como uma etapa da vida do indivíduo marcada por um emaranhado de fatores de ordem individual e social. A primeira ordem está diretamente ligada aos aspectos associados à maturidade biológica, e a segunda, de ordem social, relaciona-se as condições específicas de cada cultura na qual o adolescente está inserido. Desse modo, evidencia-se que a adolescência se consolida efetivamente a partir das sociedades industriais, logo é possível afirmar que se trata de um conceito social e historicamente construído (AIRÈS, 1981).

Com o advento da Primeira Revolução Industrial, a ideia de progresso econômico se energiza. Em decorrência das significativas mudanças no panorama social, cultural e histórico os indivíduos mais jovens passam a ser interpretados como sujeitos que deveriam passar por treinamentos para retroalimentarem as fábricas e indústrias que surgiram nesse novo cenário. Diante disso, e tomando como base os estudos de Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2010), tem-se que a representação do adolescente como um indivíduo a ser iniciado à vida adulta ganha uma nova roupagem.

Na Grécia Antiga era verificada a existência de rituais e processos de preparação dos sujeitos mais jovens para a vida adulta, de modo a se tornar um membro da sociedade, um agente constituinte da *polis* (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010). No período da Revolução Industrial, essa mentalidade, na qual o mais jovem precisa ser treinado persiste. Já na atualidade, não basta treinar, é preciso docilizar os adolescentes, uma vez que o sistema capitalista vigente não precisa necessariamente de agentes ativos e críticos, mas sim de sujeitos disciplinados, peças para compor o jogo que se articula (FOUCAULT, 2010).

Para Valle e Mattos (2010) o adolescente é caracterizado como um ser que vive um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais. Um caminho de transição entre a infância e a idade adulta. Tal fato caracteriza a adolescência como um período marcado por crises, que encaminha o jovem na construção de sua subjetividade em direção à vida adulta. Ainda conforme os autores:

A adolescência é uma fase complexa e dinâmica do ponto de vista físico e emocional na vida do ser humano. É neste período em que ocorrem várias mudanças no corpo, que repercutem diretamente na evolução da personalidade e na atuação pessoal da sociedade. Há muita preocupação com essa etapa, especialmente com os seus aspectos comportamentais e adaptativos (VALLE; MATTOS, 2011, p. 321).

Segundo Velho, Quintana e Ross (2014), é comum no meio científico a adolescência ser utilizada como a terminologia empregada para designar indivíduos que se encontram na faixa etária de 10 a 19 anos de idade. Todavia, verifica-se uma aplicação genérica acerca desse conceito, uma vez que frente ao tempo, espaço e cultura em que esses indivíduos estão inseridos novas interpretações são atribuídas. Ao articular os estudos de Foucault (2010) acerca dos dispositivos de controle com esses apontamentos é possível inferir que, assim como toda e qualquer produção social, a adolescência foi projetada com finalidades específicas, dentre as quais a possibilidade de controlar e normatizar pessoas com uma maior eficácia, destacando-se o quesito faixa etária.

No contexto da industrialização, a preocupação central era a qualificação dos jovens para retroalimentar o mercado produtor e consumidor. Assim, evidencia-se um fenômeno que perpassa o campo do individual, abarcando uma conceituação mais ampla, no qual se entrelaça os aspectos grupais, culturais e subjetivos inerentes às vivências e experiências na vida em sociedade (VELHO; QUINTANA; ROSS, 2014).

Aqui é pertinente acrescentar que esse processo de naturalização anula a singularidade humana, uma vez que o objetivo desse artifício é a manipulação de fenômenos sociais e históricos para a devida organização e manutenção da sociedade (CHAUI, 2000). Deste modo, é citada a naturalização do suicídio na adolescência como um ato individual inerente a natureza humana indisciplinada que necessita de controle social. Sob essa ótica os adolescentes não apenas são alvos das pressões, mas também das artimanhas naturalizantes impostas pela sociedade.

### 2.3 A DESNATURALIZAÇÃO DO SUICÍDIO

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (2018), no ano de 2014, o suicídio foi a causa responsável por cerca de oitocentas mil mortes no mundo, havendo uma predominância de indivíduos que habitavam países de média e baixa renda. Ademais, também é verificada uma incidência desse fenômeno em países onde a população possui um poder aquisitivo mais elevado.

Embora os dados apresentados abarquem um contexto mundial, no Brasil, mais especificamente desde a década de 1960, com a ampliação dos serviços de acesso à saúde foi constatada uma redução significativa de mortes decorrentes de doenças infecciosas e parasitárias, entretanto, o número de óbitos decorrentes de fatores externos cresceu drasticamente. Tal acréscimo coloca o suicídio na terceira posição das principais causas de mortes de jovens (MACHADO; SANTOS, 2015).

Posto que o índice de mortes por suicídio já se mostra elevado, segundo Almeida (2018), essa taxa pode ser ainda maior, uma vez que há indicativos de omissão de informações por parte dos familiares das pessoas que tentaram ou cometeram suicídio. A supressão da causa real ou invenção de uma justificativa para encobrir o suicídio de um membro familiar decorre justamente da imposição dos estigmas que esse tipo de morte possui na sociedade (insanidade, transtorno mental ou pecador imperdoável).

Com base nessas premissas é verificado que o suicídio se apresenta na atualidade como um grave problema de cunho social que necessita ser superado. A Organização Mundial de Saúde - OMS (2002) define o suicídio como um ato intencional que uma pessoa delibera contra a própria vida. As tentativas de suicídio se enquadram nos atos intencionais de autoagressão, mas que não resultaram na morte do indivíduo.

Ao analisar esta conceituação é verificada a anulação da influência do meio sobre estes comportamentos. Consolida-se uma definição genérica que responsabiliza unicamente o indivíduo sobre tal deliberação. Para Skinner (2006), a inserção da análise do meio como uma forma de compreender os comportamentos individuais é uma ideia relativamente nova. Partindo dessa concepção, é observável que muitas definições acerca de fenômenos sociais estão calcadas na responsabilização exclusiva do sujeito, uma vez que se materializam em seus comportamentos.

De modo a ampliar a definição de suicídio proposta pela OMS (2002), apresenta-se nesse momento a noção de Émile Durkheim<sup>1</sup> (2004), de que o suicídio se configura como um fenômeno, no qual o indivíduo delibera uma ação que produz como resultado a subtração da própria vida. Nesse quesito, é imprescindível evidenciar que esse resultado é oriundo de um somatório de variantes instauradas na sociedade. Logo, o suicídio se mostra como um produto decorrente das configurações das interações e relações sociais.

---

<sup>1</sup> Sociólogo francês nascido em 1858, contribuiu de forma expressiva para a consolidação da Sociologia enquanto saber científico, assim como trouxe novas interpretações sobre variáveis sociais até então negligenciadas (a coerção social, influência da religião na vida dos indivíduos e o suicídio enquanto fato social).

A concepção apresentada por Durkheim (2004) assenta o suicídio não apenas como um produto individual, mas sim, um fato social. Seguindo essa elucidação é possível denotar que as histórias das sociedades estão marcadas pela presença desse comportamento humano. O suicídio é notadamente uma manifestação na qual sua disposição deve ser analisada não apenas pelas vias orgânicas e psíquicas de cada indivíduo, mas também por meio de estudos sistemáticos que visem explicitar as causas sociais que gestam esse fenômeno no âmbito da coletividade.

A conceituação do suicídio como fato social se elucida por meio da interação indivíduo e sociedade. Embora este comportamento se materialize na ação de um indivíduo, sua construção se expressa no campo coletivo. Conforme apresentado por Durkheim (2007), o estudo dos fatos sociais permite ao pesquisador compreender quem são os sujeitos que compõem uma determinada sociedade e quais os fenômenos que os afeta direta ou indiretamente. Para este autor, a sociedade caracterizada por seu conjunto de fatos sociais é definidora dos comportamentos humanos, portanto conhecer a natureza de um fenômeno social permite ao pesquisador um maior aprofundamento analítico sobre a formação dos sujeitos.

Com base na teoria *durkheimiana é verificado* que o objeto de estudo da Sociologia é o conjunto dos fatos sociais. Sob esse ponto é importante salientar as características básicas responsáveis pela determinação de um fenômeno enquanto fato social. Segundo esta proposição:

Os fatos sociais são dotados de três características essenciais: a coercitividade, a exterioridade e a generalidade. O fato social é coercitivo porque exerce um poder que faz com que o indivíduo realize ações que muitas vezes são feitas contra a sua vontade; é exterior porque já se encontra pronto e constituído na sociedade antes mesmo do nascimento dos indivíduos que virão a fazer parte dela e é geral porque atinge todas as esferas da sociedade e todos os seus participantes (ALMEIDA, 2018, p. 121).

Ao alocar o comportamento suicida como um fato social, Machado e Santos (2015) concluíram através de seus estudos que os casos de suicídios estão intimamente correlacionados a variáveis como baixo nível educacional, desemprego e a renda familiar. A configuração desses fatores associados à pressão e coerção social origina um contexto nocivo para o desenvolvimento e a saúde mental das pessoas. As sociedades criam seus padrões de cidadãos desejados, em seguida impõem a materialização desses espectros como sendo o modelo a ser buscado, e conseqüentemente, atingido por cada um dos indivíduos.

Embora seja verificado que a maior incidência de casos de suicídios esteja associado a transtornos mentais, é constatado a manifestação desse comportamento por pessoas típicas

(indivíduos que apresentam as características instituídas pela sociedade como comum para a maioria da população). É sobre a categoria de pessoas típicas que o trabalho está centrado, uma vez que é a partir desse público que Durkheim (2004) irá colocar o suicídio como fruto das relações sociais.

Segundo Durkheim (2004), são verificados três tipos de suicídios. O primeiro deles é definido como suicídio egoísta; nessa modalidade o indivíduo recorre ao suicídio como uma via de subterfugio por não se sentir mais pertencente à realidade. Verifica-se aqui um acentuado enfraquecimento do vínculo social. O segundo é o suicídio altruísta, ao contrário do anterior, esse decorre da ligação exacerbada do indivíduo com sua sociedade. E a última modalidade é o suicídio anômico, característico da transição da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica. A ocorrência desses casos deriva de um conjunto complexo da organização social marcada por uma situação de anormalidade social, na qual a sociedade perde sua capacidade de regular os comportamentos dos indivíduos, ou seja, é constatado a inexistência de um corpo de normas sociais capaz de regular as relações.

Para Durkheim (2004), a anomia seria um estado temporário dentro de uma sociedade, originado mediante as rápidas mudanças sociais, mas que logo poderia ser superada pela ascensão de grupos de interesse que visem regulamentar os desajustes. Nesse estado os indivíduos não tem uma referência do que seria justo ou injusto, legítimo ou não, o que culmina em comportamentos que vão de encontro as normas sociais, pois não há um modelo de referência.

Almeida (2018), ao analisar o suicídio por meio da sociologia *durkheimiana*, destaca que na contemporaneidade a última modalidade é a mais recorrente, uma vez que nas sociedades primitivas a solidariedade mecânica mantinha os indivíduos coesos em decorrência do sentimento de semelhança. Com a sociedade moderna veio a solidariedade orgânica, na qual os indivíduos firmam seus laços de coesão social por meio de um sentimento de dependência.

O suicídio anômico pode ser considerado como uma variável que está intimamente ligada às questões sociais (ALMEIDA, 2018). Nesse quesito, apresenta-se a perspectiva marxistas como elemento contributivo para elucidar esse fenômeno. Nas sociedades complexas, adjetivadas de sociedades capitalistas, é verificada uma divisão massiva do trabalho e a classificação das pessoas por meio das classes sociais (MARX, 2003). Tais características se interligam com a posição de Durkheim (2004) acerca da solidariedade orgânica.

Ainda que ambos coloquem em pauta o papel da sociedade sobre os comportamentos dos indivíduos, uma diferença importante deve ser destacada. Para Durkheim (2000), a

sociedade é uma instância que se sobrepõe ao indivíduo. Já em Karl Marx (2003), o que se percebe é uma relação dialética entre indivíduo e sociedade.

Sob a perspectiva de Durkheim (2007), a sociedade deve se desenvolver de modo a controlar seus membros, com vista a ampliar a coesão entre indivíduo e sociedade. No entanto, tal presunção se mostra deficitária, uma vez que esta coesão seria oriunda das ações coercitivas. O indivíduo, enquanto ser histórico, portador de singularidade, é reduzido a um fragmento a ser manipulado pela sociedade através dos seus mecanismos de controle (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001).

É destacado que as ideias de Durkheim se mostram fecundas e esclarecem pontos cruciais da vida do homem em sociedade. No entanto, as postulações de Karl Marx (2003) trazem pontos fundamentais para se compreender o agir do indivíduo nas sociedades capitalistas. A partir dessa questão a análise do comportamento suicida será desenvolvida também sob a luz do materialismo histórico dialético. Já que, o homem se constrói a partir do seu trabalho e do seu agir sobre o meio. Dito isso:

O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2008, p. 47).

A existência intrapsíquica dos indivíduos está condicionada ao tecido social. Tecido esse composto por uma gama de fatores, a exemplo, elementos do campo político, intelectual, histórico, social e cultural. No entanto, é válido ressaltar que a internalização desses elementos externos para o campo intrapsicológico não se concretiza por um efeito osmótico, uma transferência passiva (VIGOSTKI; LURIA; LEONTIEV, 2006).

Marx (2008, p. 47), ao propor que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas que é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”, torna perceptível um movimento dialético. Movimento esse que rompe com as fronteiras naturalizantes do homem e de seus componentes. Os indivíduos ao agirem sobre o meio, modificam-no, e essa modificação ressoa sobre si no campo da consciência, unidade essa que posteriormente em Vigotski (1998) irá compor uma das funções psicológicas superiores correspondente a uma das instâncias do mundo intrapsíquico dos indivíduos.

Mediante os postulados supracitados, os casos de suicídios não devem ser encarados como fenômenos isolados manifestos por um grupo específico de indivíduos. Em seus estudos, Durkheim (2004) expressa que a coesão social se apresenta como um ponto a ser trabalhado

para a redução ou possível erradicação desses casos, uma vez que, conforme seus achados, quanto maior é a coesão social existente entre sujeito e sociedade menor é a taxa de suicídio.

Frente a essas exposições é verificado que um contexto social saudável e que proporcione as vias materiais necessárias para o pleno desenvolvimento dos indivíduos na adolescência se mostra como um ponto fundamental para o enfretamento do suicídio nessa fase da vida. Com essas colocações não se busca firmar a ideia de homem determinado, porém o mundo social e a forma de sua organização repercutem de forma direta no mundo intrapsíquico dos indivíduos (VIGOTSKI, 1998).

#### 2.4 TECENDO OS FIOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DO COMPORTAMENTO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA

Na contemporaneidade se impõem aos adolescentes responsabilidades e obrigações típicas de adultos. Ao se correlacionar a agenda de tarefas de alguns jovens com a dos adultos, poucas são as distinções percebidas. Em consonância com este fenômeno emergem outras questões, a escolha da profissão, dos pré-vestibulares, o despertar da sexualidade e com cada uma delas a pressão e a coerção social.

Seguindo tais premissas se pode inferir a existência de microcontingências que residem dentro das macroestruturas sociais, e em cada uma delas se encontram conglomerados de fenômenos sociais que se construíram historicamente por meio das relações e interações humanas (DURKHEIM, 2004). São os conjuntos dos fenômenos sociais e históricos os responsáveis em consolidar os elementos do campo interpsicológico de cada indivíduo (VIGOSTKI; LURIA; LEONTIEV, 2006).

Segundo Bock, Gonçalves e Furtado (2001), é definido que o fenômeno psicológico não é uma reação de causa e efeito, em que o meio age sobre uma natureza humana determinada, mas sim, um produto historicamente construído, no qual se refletem as condições sociais, materiais, econômicas e culturais em que vivem os homens, sendo assim os desencadeadores de comportamentos suicidas na adolescência não devem ser tomados como algo inato. Ainda segundo os autores:

Para a Sócio-Histórica, falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001, p. 22).

A sociedade, instância essa que só existe devido a atividade humana, apresenta os conjuntos de símbolos e significados sociais que servirão de base para a construção do homem enquanto ser individual, que atribui um sentido próprio aos elementos postos no campo da coletividade (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001). Nesse quesito, é possível afirmar que a morte e o suicídio se apresentam como elementos possuidores de distintos significados para os adolescentes frente as suas experiências cotidianas.

Para Ariès (1989), nas sociedades ocidentais a morte foi exposta como algo pertencente ao campo do privado, devendo ser vivida no foro íntimo de cada indivíduo e nos espaços hospitalares. O objetivo era o controle do fenômeno morte. De modo a corroborar com tal ideia, o pensamento cristão trouxe o suicídio como uma forma de pecado máximo, uma vez que apenas Deus poderia deliberar sobre a vida humana.

Para Marquetti (2014), o suicídio se expõe em nossa cultura como algo que infringe os padrões culturais instituídos. Aqui é importante salientar que cada fenômeno cultural é ressignificado no campo intrapsíquico de forma única por cada indivíduo. Embora os padrões estejam postos, os sentidos estão em construção. Desse modo, o homem passou não apenas a deliberar sobre a própria vida, mas também, lançou a morte no campo do social por meio do suicídio, contrariando assim a ideia da morte como algo a ser vivido na reserva dos espaços privados.

Dentro dos emaranhados de significações sociais, a morte é algo temido por muitas pessoas, entretanto, frente ao sentido que se atribui a tal fenômeno, outra parcela de indivíduos, dos quais os adolescentes podem conferir um novo significado a essa experiência (solução para os problemas ou experiências interpretadas como negativas). Ao ser considerado como meio para a resolução das dificuldades, a morte no cenário atual assumiu assim uma nova roupagem. Frente a esta constatação o suicídio se tornou uma opção para aqueles que não encontram alternativas para seus problemas (MOREIRA; BASTOS, 2015).

O agir do homem sobre o meio através de suas atividades tem por finalidade suprir suas necessidades. Sob esta afirmação é possível inferir que o suicídio também se configura como uma produção humana edificada de modo a fazer frente às imposições e pressões sociais. A sociedade criou um padrão de adolescente esperado, logo é aguardado que as pessoas que a

compõem se moldem aos comportamentos instituídos. Sob essa perspectiva aqueles que se colocam como divergentes são interpretados como desviantes, anormais que devem ser destituídos da sua função de integrante social. Tais inquisições, por vezes, estão alicerçadas em ideologias rígidas, engessadas em suas perspectivas, logo estão fechadas para aceitar novas concepções (SÍLVIA; WANDERLEY, 2004).

Conforme preconizado por Durkheim (2004), os indivíduos ao se sentirem desintegrados de sua sociedade possuem uma maior probabilidade de ocorrência dos comportamentos suicidas. Essa questão se torna mais emblemática quando para além da exclusão, colocam-se normativas, caminhos que os excluídos podem seguir para se adequarem ao meio social.

Como apresentado, a adolescência deve ser tomada como um elemento plural que se constitui mediante o tempo, cultura e espaço em que os indivíduos estão inseridos, sendo assim é percebido que, embora existam os grupos excluídos das condições materiais (moradia adequada, saneamento básico e alimentação básica) para o seu pleno desenvolvimento, há outros agrupamentos que, por sua vez, estão dentro das categorizações apresentadas como fundamentais, porém mesmo dentro dessas contingências econômicas, sociais e culturais impostas como adequadas, manifestam comportamentos suicidas (JESUS; SOARES JUNIOR; MORAES, 2018).

Para Leontiev (2004), uma questão crucial no desenvolvimento dos indivíduos é o sentido pessoal. Nesse campo estão inseridos não apenas os significados estabelecidos das coisas, mas também, os motivadores do indivíduo para a realização de tal ação. O sentido se mostra como algo singular para cada um, logo, embora se coloquem determinados significados como pontos fundamentais para uma pessoa, estes elementos só serão internalizados como motivadores para chegar a um fim por meio da consolidação do sentido.

É por meio do sentido que os indivíduos interpretam suas relações como positivas ou negativas, favoráveis ou desfavoráveis. A imposição de significados externos como único caminho a seguir se colocam de forma arbitrária e sem sentido significativo para os indivíduos. Nessa busca por docilizar os indivíduos, mais especificamente os adolescentes, é verificada a criação de sujeito sem voz, sem lugar, cuja figura deve ser modelada a imagem e semelhança do adulto (ASBAHR, 2014).

Nesse quesito, é salientado que o adolescente, por estar em um processo de transição social, biológica e psicológica por não saber, em alguns casos, como lidar com o fluxo de mudanças associadas às exigências da sociedade, acaba recorrendo aos comportamentos

autodestrutivos e por vezes, infringi sobre si ações que extinguem a própria vida (MOREIRA; BASTOS, 2015).

## 2.5 RESULTADOS

Segundo a OMS (2006), dentro dos principais desencadeadores de comportamentos suicidas se encontram fatores de ordem biológicas, genéticas, psicológicas, sociológicas, culturais e ambientais. Assim, é partindo dos dados desencadeadores de suicídio encontrado na OMS (2006) que a Psicologia Sócio-Histórica<sup>2</sup> se insere como instrumento de análise desse fenômeno, uma vez que esta corrente teórica pensa o homem em sua integralidade e não como um conjunto de soma das partes (GOMES, *et al.*, 2016). Dentre as principais causas do suicídio é possível citar:

Estatuto socioeconômico e nível de educação baixos, perda de emprego; stress social, problemas com o funcionamento da família, relações sociais, e sistemas de apoio, trauma, tal como abuso físico e sexual, perdas pessoais, perturbações mentais tais como depressão, perturbações da personalidade, esquizofrenia, e abuso de álcool e de substâncias, sentimentos de baixa autoestima ou de desesperança, questões de orientação sexual... (OMS, 2006, p. 12).

Nos últimos anos, o suicídio tem assumido uma taxa crescente na sociedade brasileira. Conforme exposição feita por Waiselfisz (2014), entre o período de 2002 e 2012, o número total de suicídios no Brasil saiu de 7.726 para 10.321 respectivamente. Esta elevação representa um aumento de 33.6%. Conforme exposto pelo mesmo autor, na população jovem, representada por indivíduos dos quinze aos dezenove anos de idade, o aumento na taxa de comportamentos suicidas foi de 15,3%. Sob essa constatação o número de suicídio entre adolescentes corresponde aproximadamente cerca de seis casos para cada cem mil habitantes.

No período analisado a região Norte apresenta o maior número de casos, com uma taxa de 77,7% e um total de 693 suicídios só no ano de 2012. Na região Nordeste foi constatado um crescimento expressivo de 51,7%, com destaque para os estados da Bahia e Paraíba. Na região Sudeste foi verificado um crescimento de 35,8% (WAISELFISZ, 2014).

---

<sup>2</sup> Teoria proposta por Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), na qual é defendida a ideia de que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais em que o indivíduo mantém no decorrer de sua vida. E afirma que o homem não é fruto de uma natureza humana determinada, mas sim um agente ativo possuidor de potencialidades que se desenvolvem nas interações sociais (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001).

Frente aos dados apresentados foi constatado um total de 97.984 casos de suicídio no cenário brasileiro no período de 2002 a 2012, dos quais 54,3% eram jovens (WAISELFISZ, 2014). Sob tais exposições é possível afirmar, com base na teoria de Durkheim (2004), que as sociedades possuem um estoque de comportamentos suicidas. Em corroboração a esta colocação é verificado que por meio das bases materiais e históricas de uma sociedade esse estoque de comportamento suicida pode assumir um processo de expansão, de modo a elevar sua manifestação no meio social.

Para compreender os fenômenos sociais e, principalmente, o suicídio, é importante a superação dos referenciais teóricos e metodológicos que isolam o psiquismo humano da sociedade e da história, uma vez que, as relações entre indivíduos e seu meio social não se apresentam de forma estéril, logo “a construção humana, é produzida na dialética entre as condições objetivas e subjetivas de sua existência” (GOMES, *et al.*, 2016, p. 816). Com base nessa premissa é possível afirmar que a imersão no espaço sociocultural, ou seja, o mundo fundado através das significações se mostra como condição fundamental para o desenvolvimento humano.

Sob esta ótica também é exposto que a implantação de mudanças no contexto social podem possibilitar um alargamento de possibilidades ao indivíduos, uma vez que, “as determinações sociais, embora constituintes da condição humana, não destroem a singularidade, a liberdade e a criação e que, portanto, o sujeito da necessidade estética, da criação e da liberdade não é subjugado, mas configurado socialmente” (SAWAIA; MAHEIRIE, 2014, p. 1).

Em seu processo de estruturação, os indivíduos se orientam por meio das suas interações com outros sujeitos, não como mero fantoche social, mas antes como um agente ativo, um ser dotado de potencialidades. Com base nos postulados sócio-históricos, o desenvolvimento mental possui uma dimensão histórica e social. Embora os estudos de cunho psicológico desenvolvidos por Vygotsky tenham se iniciado com crianças que apresentavam algum tipo de deficiência, seus resultados foram extremamente expressivos, ampliando o campo de análise para uma gama de outros fenômenos (IVIC, 2010).

O ser humano, por sua origem e natureza, não pode nem existir nem conhecer o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma mônada isolada: ele tem, necessariamente, seu prolongamento nos outros; tomado em si, ele não é um ser completo. Para o desenvolvimento da criança, em particular na primeira infância, os fatores mais importantes são as interações assimétricas, isto é, as interações com os adultos, portadores de todas as mensagens da cultura (IVIC, 2010, p. 16).

A ideia acima possibilita um aprofundamento acerca da questão do suicídio, pois as relações sociais que os adolescentes estabelecem reverberam no campo mental. Desse jeito, conhecer o cenário e as relações que cada sociedade está produzindo com esse grupo de integrantes é fundamental.

O homem ao se apropriar dos elementos culturais gradualmente os assimila e se orienta a partir deles, no entanto o resultado desse processo não se dá de forma homogênea. A ampla gama de estímulos externos é a base para que o desenvolvimento dos estados interiores humanos se faça possível. Contudo, esses estímulos podem não apenas ser interpretados de formas distintas, mas também receber um sentido próprio para cada um (LEONTIEV, 2004).

Seguindo esses pressupostos, sugere-se que o adolescente nessa fase do desenvolvimento necessita de um suporte, conte com a figura do mediador<sup>3</sup> (psicólogo, professor ou familiares) como agente contributivo para que esses indivíduos possam se reequilibrar mediante esse período de significativas modificações. Com base em tais postulados é possível inferir que os diferentes estímulos externos assumem diferentes sentidos ao serem internalizados pelos adolescentes, sendo assim um mesmo estímulo pode assumir diferentes significações dentro de um grupo. Uma mesma experiência vivida por dois indivíduos pode compor o campo interpsicológico de forma expressamente distinta. Enquanto que para um sujeito a experiência pode ser avaliada como um elo de crescimento para o outro a interpretação dada pode ser uma situação de fracasso (LEONTIEV, 2004).

Como apresentado por Machado e Santos (2015) os casos de suicídios estão intimamente correlacionados a variáveis, como baixo nível educacional, desemprego e renda familiar. Sendo assim, ao se confrontar as informações aqui apresentadas é constatado que o suicídio não está diretamente relacionado a uma causa isolada, mas sim à significação que o indivíduo atribuiu aos fenômenos que compõem o seu tecido social, cultural e histórico.

No cenário social é recorrente o processo de naturalização dos fenômenos citados. Este processo emerge como um mecanismo que as sociedades se utilizam para garantir sua manutenção (CHAUI, 2000). Ao se buscar uma estabilidade pela via da naturalização impasses se constituem, uma vez que este artifício camufla a historicidade de determinados fenômenos sociais, dificultando ou impossibilitando uma ação interventiva e reflexiva quando suas estruturas se tornam vias de adoecimento para os indivíduos.

---

<sup>3</sup> Indivíduo que interage com os demais em relação de reciprocidade de modo a consolidar pontes e estratégias para a consolidação de novos conhecimentos e aprendizagem.

Nessa guisa analítica a psicologia sócio-histórica se apresenta como um instrumento de discussão de desnaturalização dos fenômenos em que o homem está imerso. Não se apresenta apenas como uma via de teorização, mas como uma forma de proposição de medidas que visam a salvaguarda de direitos humanos, em especial o direito à vida.

A psicologia sócio-histórica proposta por Vygotsky (1896-1934), ao se firmar no marxismo concebe o indivíduo não apenas como um aglomerado biológico, no qual está circunscrito uma natureza humana determinada. Para este teórico, que teve como cenário cultural a Revolução Russa, o ser humano se apresenta como um agente ativo, criação e criador das relações que estabelece com o meio e com os demais indivíduos (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001).

Em contradição a essas ideias, nas sociedades capitalistas é verificada uma produção de atividades alienadas, as quais não possuem um sentido objetivo para os indivíduos que as executam, uma vez que a materialização desse trabalho resulta de uma contradição entre o motivo e ação da sua atividade. O motivo nessa exposição se mostra alheio a consciência humana, uma vez que ao ser imposto pela sociedade se converte em uma ação alienada (ASBAHR, 2014).

Essa cisão produz um adoecimento psíquico nos indivíduos. Mediante a estas colocações é verificado que muitos jovens adentram em quadro de adoecimento psicológico por serem introduzidos na sociedade não como integrante ativo e participativo, mas sim, como engrenagem de funcionamento de um maquinário capitalista (ASBAHR, 2014).

Frente aos postulados da psicologia sócio-histórica é exposto que a superação dos desafios sociais deve se consolidar por meio da superação da alienação do trabalho humano. Sendo assim, a educação se mostra como uma via fundamental para ofertar aos indivíduos uma ferramenta de compreensão de sua sociedade, de modo a lhe conferir uma posição de sujeito ativo. Tal perspectiva ainda busca romper ideários de um psicologismo burguês que aliena a consciência dos indivíduos e desintegram sua existência (ASBAHR, 2014).

Partindo das colocações de Asbahr (2014), embora as ideias apresentadas pela teoria sócio-histórica se apresentam como algo recente no cenário brasileiro, suas proposições se mostram como um campo fecundo para a compreensão e transformação social. Nessa guisa, ressalta-se a importância da proposta de métodos que tenham por objetivo a superação da artificialidade das atividades humanas. Embora o sentido não possa ser ensinado eles podem ser educados por vias que visem a construção de jovens protagonistas de suas histórias e não por meio de relações adoecedoras e vazias de motivadores pessoais.

## 2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu percorrer o caminho histórico acerca do comportamento suicida na adolescência, de modo a fazer frente a naturalização desse fenômeno e com isso convidar o leitor a lançar mão de múltiplos olhares acerca desse fenômeno de modo a romper com as explicações deterministas acerca dos comportamentos humanos.

Ao se analisar os resultados do presente artigo verifica-se que, nas últimas décadas, houve um crescimento significativo na ocorrência de suicídio na adolescência. É salientado ainda, que sua recorrência não está ligada apenas a grupos de indivíduos diagnosticados com algum transtorno mental. Mediante a organização social, os comportamentos suicidas podem assumir um processo de expansão, nesse quesito se percebem características que permitem inferir a influência do sentido atribuído às relações e interações sociais como um ponto desencadeador para a manifestação desses comportamentos.

Por meio dos seus efeitos o suicídio é considerado um sério problema de saúde pública e origina consequências negativas não apenas para a família da vítima, mas também para a comunidade em que esse adolescente está inserido. Esses fatos expõem a necessidade de se discutir e pesquisar tal temática, uma vez que, embora seja tratado como um problema de saúde pública se verifica uma certa escassez de material atualizado sobre o assunto.

Superar a ideia do suicídio como algo individual e como uma característica da personalidade do adolescente se mostra como um passo central para superar esse fenômeno. A ideia do suicídio como um comportamento arquitetado e materializado unicamente pelo sujeito se alicerça por vezes em teorias naturalizantes e biologicistas que desconsideram a participação dos fenômenos sociais e históricos na construção dos sentidos atribuídos a experiências que o indivíduo vivencia. Sentidos esses que se mostram intimamente ligados as manifestações de comportamentos suicidas.

## REFERÊNCIAS

AIRÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Lisboa: Teorema, 1989.

\_\_\_\_\_. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

ALMEIDA, F. M de. O suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. **Revista Aurora**. Marília, 2018. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/7306/5248>. Acesso em: 12 mar. 2019.

ASBAHR, F. da S. F. Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n2/1413-8557-pee-18-02-0265.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014. p. 126-136. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O; (Orgs.) **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva Crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

CHAUI, M. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DURKHEIM, E. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FILLOUX, J. C. **Émile Durkheim**. Recife: Massangana, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Histórias da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOMES, I. D, *et al.* O social e o cultural na perspectiva histórico cultural: tendências conceituais contemporâneas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n3/v22n3a16.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Massangana, 2010.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MACHADO, D. B; SANTOS, D. N dos. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v64n1/0047-2085-jbpsiq-64-1-0045.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MARQUETTI, F. C. O suicídio e sua essência transgressora. **Revista de Psicologia USP**, v. 25, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0237.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOREIRA, L. C. de O; BASTOS, P. R. H. de O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00445.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2019.

OMS. **Prevenção do suicídio um recurso para conselheiros**. Genebra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

OPAS. **Suicídio**. Brasília: OPAS/OMS Brasil, 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839). Acesso em: 20 abr. 2019.

SAWAIA, B. B. MAHEIRIE, K. A. Psicologia Sócio-Histórica: um referencial de análise e superação da desigualdade social. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe2/a01v26nspe2.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SCHOEN-FERREIRA, T. H; AZNAR-FARIAS, M. A; SILVARES, E. F de. M. Adolescência através dos Séculos. **Revista Psicologia Teoria e Pesquisa, São Puloa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010237722010000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010237722010000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 23 mar. 2019.

SÍLVIA, T. M. L; WANDERLEY.C. (Orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VALLE, L. E. L. R do; MATTOS, M. J. V. M de. **Adolescência: as contradições da idade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

VELHO, M. T. A de. C; QUINTANA, A. M; ROSSI, A. G. Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos. **Revista Bioética**, Brasília, v. 22, n. 1. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v22n1/a09v22n1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2014.

**MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES**

<b>TITULO DO ARTIGO</b>	<b>UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DO COMPORTAMENTO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA</b>
<b>RECEBIDO</b>	07/06/2019
<b>AVALIADO</b>	20/08/2019
<b>ACEITO</b>	10/09/2019

<b>AUTOR 1</b>	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Ueliton André dos Santos Silva
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	Faculdade Regional da Bahia - Campus Alagoinhas
CIDADE	Entre Rios
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Acadêmico do 10º período do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade Regional da Bahia- Campus Alagoinhas.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Construção do trabalho
<b>AUTOR 2</b>	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sra.
NOME COMPLETO	Jandira Dantas dos Santos
INSTITUIÇÃO	Faculdade Regional da Bahia - FARAL - UNIRB e Universidade Tiradentes - UNIT - Aracajú
CIDADE	Alagoinhas
ESTADO	Bahia
PAÍS	Brasil
RESUMO DA BIOGRAFIA	Doutoranda em Políticas Sociais e Cidadania (UCSal), Mestra em Tecnologias aplicáveis a Bioenergia (FTC), Licenciada em História (UNEB), Psicóloga (FTC), Pedagoga (UESC), Especialista em Formação Socioeconômica do Brasil (UNIVERSO); Especialista em Tecnologias da Educação (PUC- RIO); Especialista em Educação Inclusiva (FTC) e Especialista em Atendimento Educacional Especializado (UCAM). Apresenta interesse em assuntos que abordem os Direitos Humanos, Bioenergia, Educação Inclusiva e os Movimentos Sociais.
CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES NO ARTIGO	Orientadora